

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

REDACTOR PRINCIPAL J. R. DA CRUZ

3.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)	PORTO—1 DE JANEIRO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA ADIANTADO)	N.º 19
	(REINO)		(ESTRANGEIRO)	
	Trimestre..... 350 réis		Trimestre..... 700 réis	
	Semestre..... 700 * Anno..... 13400 *	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Semestre..... 13400 * Anno..... 26800 *	

O *Bombeiro Portuguez* vender-se-ha de hoje em diante avulso e ao preço de 60 reis até a publicação do numero seguinte na Tabacaria dos srs. Carneiro & Viana, 282 — Rua Formosa — 284 e 193 — Rua de Santa Catharina — 195.

Alexandre Theodoro Glama

O elegante prosador Ramalho Ortigão, fazendo a biographia de Theophilo Braga, o homem a quem a litteratura patria melhores serviços deve, disse que se a obscuridade quizesse tomar um dia as formas humanas, e atravessar o Chiado, sem que ninguem a notasse, a obscuridade não poderia escolher para esse fim uma encarnação mais apropriada que a figura de Theophilo Braga.

E nós fallando de Alexandre Glama, paraphraseamos o primoroso stylistista, dizendo «se a modestia e a vulgaridade, quizessem vestir a farda do bombeiro, e passar ahi por essas ruas, a modestia e a vulgaridade não achariam encarnação mais apropriada que a figura de Alexandre Theodoro Glama.

Ha homens assim, que ou por indole ou por educação, preferem viver ignorados, quando o mundo os podia conhecer, applaudil-os, abençoal-os.

Se practicam uma acção generosa, negam-a, e são chamados a exercer algum cargo de superioridade, de predomínio, recusam-se. E como são apreciados estes homens, despidos dos ouropes da vaidade, despreziosos e humildes, trabalhando na sombra, mas trabalhando sempre, com affan, com dedicação!

E a nós, aos que teem por dever verberar o que é torpe e engrandecer o que é nobre, compete arrancar do esquecimento os que voluntariamente a elle se votaram, e apresental-os a contemplação dos estranhos — como modelos perfectos para serem imitados e seguidos.

Alexandre Glama, é a encarnação da modestia, o typo singelo da vulgaridade. N'aquellas maneiras francas, rudes até, ninguem verá a demonstração clara da sua bella alma, porque é certo que Deus, aos bons de coração, aos nobres de espirito, aos ricos de sentimentos generosos, deu uma espontaneidade e uma franqueza que, de tam naturaes, livres e desaffectedas, chegam a parecer vulgares, grosseiras.

E não são; bem ao contrario, traduzidos bem, definem o individuo — character honesto, que não se avilta, alma nobre, que não consente ingratidões, espirito claro, que vê as coisas pelo seu verdadeiro lado.

O que o homem é, immediatamente se conhece pelas acções que pratica.

Ainda que dissimule, que procure mascarar os seus actos, uma palavra, um gesto, encarrega-se de trabil-o immediatamente.

Diga o homem de bem uma mentira, procure fazel-a sobresahir como uma verdade, que ninguem o acreditará.

*
* * *

Alexandre Glama, é estrangeiro; nasceu em Riga. Fazemos esta declaração, com pezar, e só obrigados por uma certa exigencia de biographia, porque, lastimamos deveras que não seja nosso conterraneo, quem tam excellentes qualidades possui. Ha por ca muita falta de homens de bem, e quando encontramos um, é caso para nos applaudirmos.

Desde creança que se acha n'esta cidade, onde foi educado. Essa educação, que lhe ia desenvolvendo as suas faculdades, era completada pelos ensinamentos de seu pae, um honrado commerciante, que n'esta praça do Porto contava sinceros amigos.

Temperamento ardente, trabalhador, quiz dar uma eloquente demonstração da sua actividade, e deu-a, e tam eloquente ella é, que não se extinguirá nunca.

Alexandre Glama foi o iniciador da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios; foi elle que, conjunctamente com Guilherme Fernandes, installou n'esta cidade essa associação benemerita, em 1875.

Trabalhando sempre, com o grande amor que anima todos os que se sacrificam por uma ideia generosa e sublime, luctou, e venceu, conseguindo um dia vér completada a sua obra,

Como iniciador, alistou-se na fileira dos dedicados rapazes que acudiram a inscrever-se como socios de tam util e humanitaria instituição. Em 8 de novembro de 1875, os seus camaradas nomearam-n'o 1.º patrão. Glama accitou, contrariado, a distincção que lhe conferiam, mas desde logo pensou em resignar o posto a que fôra promovido.

Achava que não tinha direito a tal accesso, incommodava-o ver na sua farda uns galões dourados, symbolo da auctoridade de que, por vontade dos seus camaradas, fôra investido.

Em 18 de janeiro de 1876, dois mezes depois da sua promoção, requeria a exoneração do posto que occupava, pedindo para ficar em simples voluntario, sem cathegoria alguma entre os seus camaradas, igual a elles.

E foi-lhe concedida a exoneração que solicitou não sem grande pezar dos que o promoveram.

E esta abnegação não accusa um certo despreendimento que evidencia uma alma nobre, um coração magnânimo?...

Simplez voluntario, quando as torres davam o signal d'incendio, chamando por soccorro, Glama era o primeiro entre os primeiros, e era de ver como elle trabalhava com uma vontade que incitava os seus camaradas a trabalhar com dedicação.

E ainda hoje, Glama é o exemplar do bombeiro austero, que se esquece completamente dos perigos, para arremetter com elles, e lutar, e vencer.

Foi ha tempos; em Villa Nova de Gaya, um incendio pavoroso manifestou-se nos armazens de vinhos dos srs. Niepoort & C.^a. A bomba da 3.^a secção foi surpreendida pelas chammas—parecia que ellas, querendo vencer, se dispunham a inutilisar o instrumento que as havia de esmagar.—Glama, com risco da propria vida, capitaneando outros, como elle, denodados voluntarios, arrancou do meio do fogo a bomba, pondo-a em sitio onde as labaredas lhe não chegassem.

Alexandre Glama é dotado d'uma coragem e de uma força, que encontrará eguaes, mas não superiores; quanto maior fôr o risco, mais elle lucha, mais elle trabalha, mais elle se interessa.

Deve-lhe a Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios bons e relevantes serviços; para o engrandecimento d'ella, põe em acção todos os seus recursos, que proveitosos são.

Por motivos que não é para aqui dizer, a associação a que pertence, experimentou, como experimenta, uma epocha de crise. Alguns rapazes, tractaram de adquirir os meios indispensaveis para que ella podesse continuar, como era preciso, na sua obra de auxilio e humanidade. Entre os mais entusiastas, appareceu Alexandre Glama, e quando se deliberou organizar uma *troupe* de amadores para dar um espec-

taculo em favor do cofre da associação, o destemido bombeiro inscreveu-se immediatamente.

Pela simples enumeração d'estes actos rasgadamente nobres, se pode avaliar o que é e o que vale Alexandre Glama.

Singelamente, sem pompas de estylo nem galas de lucução, apresentamos aos nossos leitores o sympathico moço.

O *Bombeiro Portuguez* paga-lhe assim uma divida antiga, e o que escreve estas linhas, por igual paga uma divida sagrada—a da amizade leal e sincera.

Aos nossos leitores apresentamos, pois, Alexandre Glama, um moço de qualidades distinctas, um amigo dedicado, e um bombeiro que sabe ennobrecer a honrada farda que veste.

F. P.

Aos nossos leitores

Ha umas certas tradições, que nos impoem deveres rigorosos, que gostosamente cumprimos. A festa do Natal—festa suavissima que mais e mais prende os laços da familia, fazendo esquecer antigos odios para só recordar amizades—obriga-nos a cumprimentar os nossos bons leitores e a appetecer-lhes as boas-festas, essas boas festas, que só se dão entre povos allumiados duplamente pela luz da civilisação e pela luz do christianismo.

Cumprimos com satisfação este dever—apertando d'aqui cordealmente a mão a todos os nossos bondosos amigos e leitores—e essa mão pode apertar-se, com franqueza, porque, se não se occulta na fina luva do *dandy*, mostra-se na nudez honrada do trabalho—e nós gloriamo-nos de ser honrados e trabalhadores.

A redacção.

REVISTA QUINZENAL

A vespera do Natal, a noite sympathica da consoada, a festa das creanças, passou como despercebida, quasi como uma noite vulgar.

Já lá vão os descantes de *boas-festas*, e o rapazio não se enthusiasma, como em outro tempo, em cantar pelas portas o nascimento de Bethlem, com o que armava traiçoira rêde aos cobres e aos comestiveis de consoada e ensurdencia os ouvidos de festejados e transeuntes.

D'antes a noite de consoada era dos rapazes, das creanças. Combinavam de vespera a maneira como se haviam de *esqueirar* de casa, sem o pae e a mãe darem fé, e vinham ter na noite aprazada ao sitio do *rendez-vous*, sorridentes, joviaes, cheios de animação e de projectos, sem frio, pela geada da noite, contando o modo como abriram a porta ou saltaram pela janella, em bicos de pés, em quanto pae e mãe ressonavam, executando o *preludio* das boas-festas n'umas variações nasaes. E lá iam satisfeitos, cheios d'uma alegria san, paladores como um bando de estorninhos, um com o *bombo*, outro com os *ferrinhos* e o terceiro com as campainhas. Os demais eram para fazer côro.

Itinerario a talante de cada um; aonde morasse

uma pessoa conhecida era ahí que se cantava. Era de vel-os, caminhando em magote cerrado, a fazerem uns calculos pelos ganhos ainda por haver e de passo trincando uns restos, que pechincharam de um visinho feliz que tivera consoada; e os outros coitados, os que não tiveram quem lhes desse nada, olhavam de soslaio com uma resignação triste para as golodices meio comidas e iam, pobresitos, jurando intimamente que os lucros que lhes pertencessem haviam de ser todos gastos em rabanadas e figos. De repente estacavam, reconheciam uma casa e entravam-lhe no portal, fazendo-se annunciar por um trio de *vivas* acompanhado d'um forte *unisono de instrumentação*. Depois principiava o descante da lenda do Nascimento:

—*Lá na noite de Natal, etc.*

n'um rithmo saudoso, e triste; saudoso—a lembrar a grande noite de ha deoito seculos, triste—no tom de quem não tem consoada...

Acabada a cantilena da lenda, principiavam os *vivas*, mas agora eram *vivas* em verso, em quadras mais ou menos cheias de bernardice, como esta:

Viva a sr.^a D. F...
Raminho de salsa crua,
Quando se põe à *jinella*
Allumeia toda a rua.

A escada .Ingleza

(Manobras)

Quando estas escadas forem empregadas unicamente para os bombeiros subirem e descerem, um d'elles deverá collocar o pé direito no primeiro degrau e encostal-o ao banzo direito, ou o pé esquerdo no mesmo degrau, porém tocando no banzo esquerdo. O joelho ou a perna deverá carregar ao de leve, mas com firmeza no segundo degrau e as mãos deverão segurar com força nos banzos. Se isto fór bem executado, conseguir se-ha diminuir consideravelmente o balanço das escadas e augmentar-lhe a força dos banzos. Para qualquer subir, levantará uma das mãos para o deixar passar, mas enquanto estiver nas escadas, não deverá tirar o pé, nem a segunda mão, excepto quando fór absolutamente indispensavel.

Para subir, deverá o bombeiro encostar o corpo á escada o mais possível e mover o pé esquerdo ao mesmo tempo que a mão direita e o pé direito ao mesmo tempo que a mão esquerda, tendo cuidado de pouzár as mãos e os pés junto dos banzos e fazer o menor balanço possível. Deverá tambem ter o cuidado de não collocar os dois pés no mesmo degrau. Sendo necessario içar uma mangueira, procederá da seguinte fórma:

«Içar mangueira»—A esta ordem, o n.º 3, munindo-se da espia, tomará uma das pontas que passará da frente para traz, por cima do degrau mais proximo do ponto aonde a escada encosta e deixará cahir a espia pelo lado de traz até tocar no chão.

Deverá em seguida verificar d'o que lado a agulheta tem de trabalhar, para conservar a espia d'esse lado, de fórma que não atravesse a escada e estorve a passagem dos bombeiros, quando sobem ou descem.

Ou esta :

Viva o sr. José Cruz
Senhor de certo respeito,
Quando passa pela rua
Parece um amor — *prefeito*

Coisas de rapazes!

Al dos que não davam nada depois dos *vivas* cantados, ai d'elles! Esperava-os a vingança tremenda da pelle curtida do bombo e do badalo estridulo das campainhas.

O rapazio fazia *banzé*. Em vez da toada cantadinha havia os gritos, os assobios, e os *instrumentos*, em vez de cadenciarem o ritmo do descante, faziam um *charivari d'estolar*, como elles lhe chamavam. Quando se pilhavam fóra do portal, o barulho recrudescia, chinfrim, canalha, d'ensurdecer. E o rapazio cantava :

Esta casa
Cheira a unto ;
Aqui mora
Algum defunto

Deverá depois descer immediatamente até á altura necessaria para segurar a agulheta, depois de içada a mangueira; porém deverá ter todo o cuidado de não mexer enquanto o n.º 1 içar a espia. Ao n.º 2 compete-lhe, não só estender a mangueira e atarrachar a agulheta, como amarrar a espia a esta com o nó apropriado. O n.º 1, quando içar a mangueira, deverá ter o cuidado em a collocar pelo lado de baixo da escada, de maneira que a pressão seja feita o mais verticalmente possível e de fórma alguma para qualquer dos lados.

O n.º 1 deixará de segurar os banzos da escada para ficar com as mãos livres para a manobra de içar; porém não deverá retirar o pé do ultimo degrau, assim como não deixará de encostar a perna ao immediato, devendo começar depois a guindar a mangueira até á altura precisa; mas durante esta manobra deverá ter o maximo cuidado em conservar as mãos, braços e corpo o mais proximo possível das escadas. D'esta maneira augmentará a fricção da espia ao passar por cima do degrau, e consequentemente perderá uma determinada quantidade de força; porém deverá lembrar-se, que se retirar ou encostar o corpo para traz, poderá despegar da parede a cabeça da escada, e portanto, não deverá de fórma alguma esquecer-se de tomar estas precauções.

Enquanto o n.º 1 içar a mangueira, poderá ser auxiliado pelo n.º 3, sem que este mexa o corpo ou pés, podendo para isso passar os braços para o outro lado da escada e para a espia. Quando a mangueira tiver attingido a altura sufficiente para o n.º 3 poder tomar conta da agulheta, o n.º 1 dará uma volta á espia em qualquer degrau, e sem contudo a largar, deverá segurar outra vez os banzos como anteriormente, para que o n.º 3 possa subir com a agulheta. Logo que o n.º 3 tiver dado as ordens para que suba ou desça mais a mangueira, ou tiver declarado que está bem, o n.º 1 dará á espia em qualquer degrau, uma

Ou :

Esta casa
Cheira a breu ;
Aqui mora
Algum judeu.

Era como um protesto com os seus ares de anathema. Muitas vezes, quando a *troupe* gosava o doce prazer d'este desabafo de vingança e se imaginava a — são e salvo — e o que é mais ainda a — sécco —, a gente apodada de defunta e judia e que antes o fosse do que barbara, baptisava-os de cima, das janellas, com baldadas d'agua fria, aguando-lhes assim a alegria juvenil d'aquelle engano d'alma ledo e cego, tam doce como uma rabanada de mel.

Agora a coisa mudou de figura. Uns musicos maraus, indigenas malandros de certas bandas... marciaes, usurparam o logar das creanças.

Agora sim que ha a poesia da tradição a commemorar a festa da consoadá.

Um trecho da *Senhora Angot* ou dos *Sinos de Corneville*, estropiado em instrumentos de vento sempre é mais bonito, sobretudo mais pittoresco, do que a cantilena monotona das creanças, que cantavam umas banalidades por ahí além, sem feitiço, embora fossem o canto tradicional da poesia popular.

Quer-nos parecer que aqui anda já a nova feição

laçada de marinho, para que a mangueira fique firme. O n.º 2 deverá ter o máximo cuidado em observar que a colocação da mangueira seja conforme as indicações já apontadas, e se for necessario, subirá para auxiliar o n.º 3, dando em seguida ordem para trabalhar a bomba.

Não é conveniente, que, quando estiverem sobre a escada duas ou mais pessoas, todas se movam ao mesmo tempo, mas sim cada um por sua vez. Compete ao n.º 1 advertir-as quando incorrerem n'esta falta.

«Arriar mangueira»—A esta ordem o n.º 1 desata a espia e içã a mangueira um pouco; o n.º 3 desce com a agulheta até a poder deixar pendurada e grita «Póde arriar», mas fica immovel, até que a agulheta tenha tocado no chão e o n.º 1 não tenha outra vez collocado as mãos nos banzos para firmar a escada.

No proximo numero faremos algumas considerações e indicações a respeito d'esta escada, as quaes nos parecem de conveniencia, não só para maior segurança d'aquelles que d'ella fazem uzo, como para os habilitar a poderem colher d'ella os mais proficuos resultados.

A companhia de incendios do Porto

Estão quasi realisados os nossos desejos e não foi em vão que durante tanto tempo pedimos providencias e apontamos os innumerados defeitos e desorganisação que se notavam em tão importante ramo de serviço, como é o que compete a uma companhia de incendios de uma cidade como a nossa.

Fomos inexoraveis nas nossas accusações, porém nunca adulteramos a verdade, nem fomos exagerados

realista, consoante a entendem os aboleimados e bordalengos *bordaleças*, com perdão de SS. SS.ªs, queriamos diser litteratos d'esta boa terra da tripa, onde ha tanto cerdo e tão pouca bolota.

E esta? Já viram uma mania assim? Dá-nos sempre para divagações d'este quilate; que embirração a nossa! Ora tretas; deixemos em paz os musicos maraus d'uma banda que nós cá sabemos. Deixal-os curtir-se á tripa fôrra na agua pé que os faz divertir muito n'esta ou em quejandas noites; deixal-os, coitados, para que no dia seguinte, contem que se divertiram muito, pois como se haviam de lembrar elles, os borrachos, que amolgaram as costellas a dormir nas duras taboas das tarimbas policiaes! Não andassem elles por conta da policia, que haviamos de alugar-os baratos, para guardarem os presepios, onde faltassem os dois animaes tradicionaes, tam abundantes, Deus louvado!, de chifres e orelhas—o boi e o jumento.

E nós outra vez com a embirração das divagações! Que querem? *Deus nobis hoc otia fecit*, já agora não passa sem latim. Quando nos pilhamos em maré de folhetim, somos como o alfaiate que pilha muita fazenda para um fato só, talhamos por largo e fazemos as nossas mangas.

E com isto não vos enfado mais, meus snrs., a chronica, eis a chronica, tenho a honra de apresental-a a VV. SS.ªs, e como estamos em tempo de mas-

como alguns dos accusados são hoje os primeiros a confessar; nunca houve da nossa parte consideração ou empenho que nos detivesse nas nossas apreciações, quando intendiamos que era necessario corrigir o abuso, denunciar o infame ou defender o opprimido. Agora, temos assistido silenciosos a essa metamorphose porque passou a companhia de incendios do Porto e é já tempo de dizermos alguma coisa, para que se não diga que somos menos diligentes ou sollicitos em apregoar louvores do que em fazer censuras.

Se a distribuição de postos foi ou não acertada o tempo o mostrará e confiamos no muito tino do digno inspector para a modificar conforme as habilitações de cada um; pois que, no estado em que se achava a companhia de incendios era tarefa extremamente difficil o poder-se conhecer as qualidades e merecimentos de cada um dos bombeiros e muito mais para o cavalheiro a quem escolheram para o commando e que nunca havia tratado de perto com elles. Referir-nos-hemos apenas á boa ordem que hoje se nota e ao aceso com que os bombeiros se apresentam em publico e nas occasiões de serviço; e na verdade, não se póde exigir mais em tão curto espaço de tempo, nem nos parece que haja alguém tão exigente que não esteja já satisfeito com a palpavel differença que se nota.

Hoje, o bombeiro obedece a uma lei que define os seus direitos e deveres e que estipula o grau do castigo, conforme a falta em que incorrer; tem um ensino mais ou menos regular das manobras que tiver de executar nos incendios; ha, pelo menos, uniformidade nos exercicios, muito embora o systema não seja sempre o que nós adoptariamos em identicas circumstancias; ha livro de registro no qual são especificados os serviços que cada um presta e demais particularidades; tem hoje o bombeiro, finalmente, tardamento proprio e decente, o que faz com que o publico já o saiba respeitar.

O uniforme é uma imitação do dos bombeiros vo-

caras, desculpem todos se ella vae de carêta e hisnaga.

* * *

No theatro do Principe Real effectuou-se, como previamente annunciamos, o beneficio do intelligente actor Firmino

O drama escolhido *A mulher demonio*, filia-se no escola dos dramas de sensação, que fizeram as delicias de nossos avós, em tempos que ja la vão.

O desempenho foi muito consciencioso, e ao beneficiado coube o melhor quinhão do agrado publico por ser a sua festa artistica.

A peça foi bem posta em scena e optimamente ensaiada.

Deu umas quatro enchentes e foi, segundo o dizer do programma, mandada recolher a bastidores, interinamente, em quanto não vem um beneficio que a faça reaparecer á luz da rampa.

—No dia 18 deu-se tambem n'este theatro a recita promovida por alguns academicos, em beneficio dos inundados das provincias hespanholas do Levante.

A peça escolhida foi o drama do sr. Mendes Leal *Abel e Caim* e a comedia imitada do italiano *O fura vidas*.

A grandiosa idéa que presidiu a esta festa, é o

luntarios e consta de capacete de sola envernizado com guarnições de metal e cordão vermelho; de casaco de panno azul com seis botões de metal amarello; e dragonas de couro envernizado e cinto de cõr ás listas vermelhas e pretas; de machado com guardas de metal; calça de mescla e capote do mesmo feitio que o dos bombeiros voluntarios. O uniforme dos serventes, isto é; da companhia da agua, differe muito e não deixa de ser igualmente apropriado. Consta de *raglan* de panno azul com botões amarelllos, calça de mescla e bonnet á prussiana.

Falta agora fardamento novo para os conductores e aguadeiros, o qual por enquanto ainda é o mesmo; mas destoa: anto do dos bombeiros e serventes, que não podemos deixar de lembrar a conveniencia de ser alterado quanto antes. Bem sabemos que com a actual organização, o conductor passou a ser uma especie de criado ou militarmente fallando, *camarada* do bombeiro; mas isso não obsta a que se lhe dê fardamento mais acieado e muito mais proprio para aquelle serviço do que a jaqueta.

Temos tambem os conductores dos carros; que pelo serviço que lhes é destinado, não estão menos sujeitos aos perigos do que os bombeiros, visto terem de entrar no predio incendiado para a remoção de entulhos, madeiras etc; e portanto achavamos de conveniencia que se lhes dêsse tambem capacete para reguardo da cabeça, podendo para esse fim ser escolhido o modelo allemão, o qual differe muitissimo do inglez que á companhia adoptou.

As machinas tambem teem soffrido varias reformas, fentendes a melhor-as, como são; o sacco de salvagão e a escada *à crochets*, muito mais leve e portatil do que a antiga etc.

Emfim, se muito mais ha ainda a fazer, não podemos deixar de reconhecer que muitissimo tem conseguido o sr. Inspector Geral, que tem sabido superar as grandes difficuldades que continuamente veem impedir o seu proposito. Pela nossa parte conte s. ex.^a com nos-

so auxilio, sempre que elle seja necessario para a realisação de qualquer melhoramento assim como para tudo quanto tenda a engrandecer o serviço dos incendios.

Incendios n'esta cidade de 15 a 31 de Dezembro de 1879.

14 de dezembro—Às 6 horas da manhã. Viella dos Poços n.º 22. Principio de incendio de prompto extinto pelos visinhos.

16 de dezembro—Às 9 horas da noite. Rua da Duqueza de Bragança n.º 412 a 418. Proprietario Antonio Marques Nogueira; inquilino José Joaquim da Costa Junior. Propriedade com seguro na *Segurança* e o estabelecimento sem seguro. O incendio declarou-se n'um barracão que ficava nas trazeiras da mercearia, onde o descuido com uma luz, que ateiou incendio n'um barril de petroleo, lhe deu causa. O barracão ficou destruido e a loja soffreu tambem bastantes danos. Orçam os prejuizos em 700\$000 reis. Trabalharam na extincção a bomba municipal n.º 6 e a dos voluntarios, sendo aquella a primeira a chegar ao local do sinistro e esta a segunda.

Cabe aqui elogiar o major da guarda municipal pelo magnifico serviço policial que fez, desviando o povo para grande distancia e cortando as entradas das ruas ali proximas.

16 de dezembro—A' meia hora sobre a meia noite. Principio de incendio no telhado da casa proximo do barracão incendiado que acima noticiamos. Como da primeira vez, as bombas que primeiro compareceram foram a municipal n.º 6 e a dos voluntarios. O incendio foi motivado por faulta que ficou entre a telha e o fôrro.

21 de dezembro—A's 10 horas da manhã. Rua do

Já havia saudades d'ella e a prova do nosso dito ser verdadeiro é irem amanhã ao Principe Real, que não encontrarão devoluto um só lugar. Senão veremos.

—A empreza d'este theatro tem em projecto uma serie d'espectaculos attrahentes, retribuindo d'esta maneira a concorrência que o publico tem sabido dispensar aos seus selectos espectaculos.

* * *

No theatro Baquet subiu á scena nos dias 28 e 30, sendo n'este ultimo dia em beneficio da graciosa e intelligente Thomazia Velloso a zarzuela em 3 actos *Robinson*.

Não fallaremos de confrontos porque, verdade, verdade, não os pode haver; nem nada diremos da musica e letra, porque a zarzuela em questão, ainda anda nos ouvidos de todos os que a viram e ouviram pela penultima companhia hespanhola que aqui esteve.

A traducção não é má, é simplesmente pessima; fiavamos mais do bom nome do snr. Aristides Abranches, traductor segundo os cartazes. O *libretto* original nem é ingrato, nem de arresado idioma; tractase d'um assumpto facil e de mais a mais tratado em hespanhol.

A phrase está mesmo a dizer como deve ser traduzida, e não vemos razão bastante que justifique a

maior elogio a fazer-se aos estudiosos e nobres moços, que na hora das suas lucubrações, se lembraram de cooperar para a grande obra de consolar um povo que chorava, como em agonia suprema, a grande catastrophe que o viera quasi aniquilar, no meio das alegrias d'um consorcio real. Honra lhes seja feita.

A applaudida poesia de Gomes de Amorim foi, por expressa determinação do seu illustre autor, impressa e vendida avulsa, sendo o producto da venda applicado tambem aos infelizes inundados.

Recitou uma formosa poesia o nosso amigo Leite de Vasconcellos.

Bem hajam todos.

—O *milho da padeira* fez tambem as delicias d'algumas noites da quinzena passada.

A opereta vae bem, e como é no genero do que o povo chama o seu *bijou*, d'ahi resulta que as enchentes dão-se pelas noites d'espectaculo, pelo que damos os parabens á empreza.

—Annuncia-se para breve o beneficio do intelligentissimo actor Domingos d'Almeida com a peça d'espectaculo *A vivandeira*. Não faltaremos á festa sympathica do cavalheiro e do artista apreciavel.

—A pedido deve reaparecer amanhã em scena o decantado *Espelho da verdade*, o apologo feliz de Garraio.

Tem feitio o diabo da peça.

Rosario n.º 82, ilha de Violante Caetano, casa habitada por Germano da Assumpção. Principio de incendio, sem consequencias.

22 de dezembro—A's 9 horas da manhã. Rua das Tappas n.º 73, 3.º andar. Propriedade de Domingos Ribeiro do Valle. Inquilina, Maria da Silva. Principio de incendio, ateiado n'um enxergão por uma creança de tres annos que foi salva pelo 2.º sargento de caçadores n.º 9, José da Cruz, e extinto pelos vi-inhos. Prejuizos insignificantes.

24 de dezembro—A's 2 horas da tarde. Travessa da Bouça n.º 2, ao Carvalhido. Propriedade de Anna Alvares de Jesus, habitada por Francisca do Rosario. A casa que fazia parte d'uma ilha, bem como a que lhe ficava proxima, arderam completamente, reduzindo á miseria a inquilina. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 11, seguindo-se-lhe a dos Voluntarios.

25 de dezembro—A's 11 horas da manhã. Rua de Malmerendas n.º 142. Propriedade de Antonio da Silva Moreira, inquilina Joaquina Amelia. O incendio declarou-se n'uma casa terrea, ocasionando prejuizos orçados em 60\$000 reis. Foi combatido pela bomba municipal n.º 6 que primeiro compareceu, seguindo-se-lhe a dos voluntarios.

25 de dezembro—A's 5 horas da tarde. Rebate falso para a circumscripção de Cedofeita. O toque rompeu do Bomfim.

Continúa a mesma irregularidade de toques, apesar dos esforços empregados pela inspecção geral para remediar este inconveniente.

29 de dezembro—A's 5 horas da manhã. Rua de Cima de Villa n.º 131 a 133. Propriedade de Maximo Ferreira da Costa, habitada no primeiro andar por Manoel de Carvalho e no segundo por Manoel Antonio de Paula.

Algumas brasas que do fogão cahiram no soalho originaram o incendio, que foi combatido pela bomba n.º 2, a primeira a comparecer, seguindo-se-lhe a dos

voluntarios. A casa, não tinha seguro. Quando a bomba dos voluntarios seguia para este incendio, partiu o balancim do carro dianteiro, sendo portanto a machina conduzida á mão pelo piquete e algumas pessoas que passavam na occasião.

27 de dezembro—A's 9 horas da manhã. Rua das Flores n.º 286 a 288. Predio de 3 andares de que é proprietario Gualter de Freitas Costa, habitado por Joaquim da Rocha Figueiredo, com loja, de chá e papel, e que na occasião estava com a familia fóra da terra. O incendio declarou-se na loja correndo bastante risco o caixeiro Alfredo Cortez, de 20 annos de idade, que ainda áquella hora dormia no primeiro andar. Sofreu bastantes contusões e queimaduras, estando em curativo em casa da familia. A loja ficou completamente destruida, nada se salvando das fazendas que a guarneciam, e os andares superiores ficaram tambem bastante damnificados. Orçam-se os prejuizos em reis 3:000\$000. Ao terminar da faina, quando se procedia á remoção do rescaldo, uma explosão de gaz feriu bastante nos olhos e na cara o sr. ajudante Loureiro chamuscando ainda a chamma as barbas do commandante dos voluntarios o sr. Fernandes que se achava presente. Pelo sr. dr. Loureiro e da ambulancia dos bombeiros voluntarios foram prestados ao sr. ajudante os primeiros socorros. Na extincção que dirigiu o sr. inspector Falcão, auxiliado pelos respectivos ajudantes, trabalharam as bombas dos voluntarios e as municipaes n.º 2 e 5 sendo aquella a primeira a comparecer e a primeira d'estas, a segunda.

O serviço policial n'este incendio foi bom, não só por parte da policia civil, como devido á guarda municipal, que era commandada pelo seu digno major.

28 de dezembro—A's 11 1/2 horas da manhã. Rebate falso para a circumscripção da Sé. O toque rompeu na igreja da Lapa, o que deverá servir de indício para se proceder contra o individuo que tão inutilmente alarmou a cidade.

Compareceram a bomba dos voluntarios, n.º 2 e

liberrima substituição de varios termos, que visariam melhor ao effeito e salvariam a arte, se se conservassem na originalidade primitiva.

Thomazia Velloso deu-nos uma *rainha Ananaz*, tam appetitosa como o fructo d'este nome.

A sua voz pequenina mas graciosamente timbrada sae-se bem do canto ingrato da partitura; e com franqueza, gostamos mais de ouvi-la na *berceuse* do que na *romanza* da lenda caraíba.

Em que pese a alguém, Thomazia Velloso pôde orgulhar-se de, comquanto não possa aturar o confronto, levantar-se comtudo a certa altura—a sufficiente para poder olhar de cima a *critica*.

O desempenho por parte dos demais artistas é muito lisongeiro.

Maria da Luz exhibe perfeitamente o typo da *lady* aventureira e excentrica, como todas as inglezas, arrelia constante do estroina Robinson e a maior penitencia que um marido peccaminoso pôde ter em vida.

Galvão dá-nos um perfeito capitão de navio, marinheiro até alli.

Selta apresenta-se como um Robinson que é.

E Dias vae admiravelmente encarnado no agiota que empresta a 99 3/4 ao mez.

A mise-en-scène e vestuarios são d'effeito.

A zarzuela está muito bem ensaiada e a instrumentação e a parte coral vão bem.

— Prepara-se para breve uma nova zarzuela, dizem-nos, já conhecida, mas esplendida d'effeito e rica de musica.

Vedderemo ed dopo parleremo.

* * *

Despede-se hoje o anno velho de 1879. Não diremos que vá em paz, mas não padece duvida que pode ir para casa de mil diabos. A ninguem quedam saudades, nem a lagrima, apesar de ser livre, virá bailar na respectiva glandula.

Pôde embriuhar-se á vontade na mortalha da eternidade e atirar-se á paz do esquecimento; nós o mais que faremos é ir calcar-lhe na cova para a terra lhe ser pesada.

Morre como um cão o tal anno. Nem um responso á beira da ultima mansão, nem uma reza mortuaria, nem um triste necrologio, nem sequer um enterro decente de gatos pingados, agora que ha uma patusca sociedade urgente de obitos familiares!

Não que o anno enterrou unhas e dentes em todos sem dó nem piedade, e quem com abobora mata com pepino morre, lá diz o auctor da Fabia.

T'arrenego, biltre d'uma figa!

Cá por nós havemos de commemorar-te a morte como se tu em vez de macho fosses nossa sogra— gaudio e mais gaudio.

l dos bombeiros municipaes, que percorreram a freguezia, recolhendo em seguida aos respectivos quartéis.

31 de Dezembro—A's 8³/₄ da manhã. Carreiros, na Foz, Propriedade e palacete de habitação de Roberto de Lima Barreto O fogo teve origem proximo do fogão de sala no quarto da frente e communicou-se ao soalho e tapamento divisorio.

Os prejuizos ainda assim sobem a 500\$000 reis. Acudiu promptamente a bomba do sr. Arnaldo Navarro que mora alli proximo, a qual prestou bons serviços, conseguindo quasi dominar o incendio.

Compareceu em seguida a bomba municipal da Foz, n.º 10, que ainda trabalhou e em segundo logar a dos voluntarios. Da cidade tambem compareceram as bombas municipaes.

Não podemos deixar de estranhar que se pedissem socorros para o Porto, quando os da Foz eram mais que sufficientes.

Era bom que se regulasse este serviço para a Foz, afim de se evitar trabalho desnecessario ás companhias de incendios.

Os socorros não podiam ter sido mais promptos

Correspondencias

Coimbra 24 de dezembro de 1879

(Do nosso correspondente)

Desde que a redacção do *Bombeiro Portuguez* me honrou com a missão de seu correspondente n'esta cidade, nenhum facto se deu até hoje que merecesse chronica. Hoje, infelizmente, uma grande desgraça me faz dar cumprimento á obrigação que tão gostosamente nos impozemos. Referimo-nos ao incendio da casa da quinta das Lagrimas.

Pelas onze horas e tres quartos da noite de 21 do

Tu não foste anno, foste o diabo.

Os teus doze mezes foram doze cilicios com que nos penitencias, apesar de que, como estamos no ultimo, fostes-nos adogando a bocca, preparando noites de lua e dias de sol para não te fazermos figas á sahida.

Não te vale o feito, meu loiro, nem o teu palaviado faz mozza.

Figas e mais figas. Não que tu deste-nos—o philoxera e Marianno—dois bichos do progresso, duas pragas eguaes á dos gafanhotos do Egypto. E se ambos atacaram a cepa, um em pró da sua barriga e outro da do leitor, valha-te ao menos a consolação de que nas *horas mortas do grande silencio*, quando a ultima badalada da meia noite de hoje, te trouxe o pontapé applicado por 1880 no fundo da tua espinha dorsal, ao rolares na valia da eternidade não te acharás só.

Ao lado da tua cova, na attitude dorida do momento, com toda a plastica de que poder dispor, a fingir estatua de mausoleu, terás um amigo, o teu prior que te allumiará com o brilhante do seu anel a ultima morada e te responderá um officio, elle que te estimou tanto porque o galardoaste com posta e pasta *in partibus*.

Era de endoidecer se ninguem se lembrasse de ti e se Thomaz Antonio, conheces? aquelle celebre *pau de laranja*, não tivesse a luminosa idéa de não que-

corrente as torres da cidade chamaram os socorros de incendio. A população, sobresaltada e não costumada a estas conflagrações, via com horror um immenso clar o do lado de Santa Clara. Era o palacio da quinta das Lagrimas de que hoje era proprietario o par do reino Miguel Osorio, que ardia.

Os serviços da companhia de incendio não se fiseram esperar. A força militar, a policia, uma consideravel massa de povo, tudo alli correu, mas os serviços de toda esta gente, alguma bem intencionada e do coração dedicado, eram na maior parte improficuos. Os bombeiros sem unidade de acção, sem chefes, sem disciplina, sem mesmo se saberam servir dosapparelhos que lhe estayam confiados augmentavam a confusão pelas ordens descontraidas, pelas manobras apressadas que executavam. Forçoso é confessar porém que a muitos dos bombeiros não lhes faltou coragem e o arrojo que os tornaram dignos de menção.

Do andar superior da esplendida morada absolutamente nada se poudo salvar. Do primeiro andar conseguiu-se tirar muitos objectos; mas a maior parte foi devorada pelo fogo, ou lá ficou sepultada no meio das ruinas. Salvou-se a prata do uso diario; mas perderam-se as pratas do maior valor artistico, entre as quaes se incluíam uma grande bacia e um jarro do seculo XVI, primorosamente lavrados de figuras, castellos e flores em alto relevo. A mobilia que se poudo salvar, não deixou de ser damnificada tambem. 600 alqueires de azeite, que existiam em um armazem, arderam quasi todos.

No meio d'aquella enorme desgraça houve a felicidade de se poder cortar o edificio e impedir a comunicação do incendio para a primorosa e valiosissima livraria, talvez a primeira em Coimbra e seu districto, depois da da Universidade.

Ainda assim muitos livros ficaram damnificados, em razão de serem arremessados, de um lado para um pateo, e do outro para o jardim, e se mancharem bastante com o azeite que corria pelo terreno.

rer doidos no Porto este lustro mais chegatto. Cada qual sabe as linhas com que se cose. Elle é marau, faz de conta que ninguem endoidecerá!... d'amores por elle. Nem lh'o consentia o D. Marianno que vive em intimas relações com elle e é muito ciumento. *Ar-cades ambo!*

E agora, meus srs. e minhas senhoras, que dou por finda a massada, tenho a honra de prevenir vv. ss.^{as} e eex.^{as} que entrem com o pé direito pelo anno dentro, porque o tratante segunda consta, vem mascarado de esphynges a dizer que não é macho nem é fema.

Calino, que foi um dos primeiros a saber esta novidade, respondeu logo, que o que não é masculino nem femenino, é neutro.

Consultado o oraculo e evocados os manes de Oedipo, viemos a saber que o que não é macho, nem fema—é bissexto!

Faz-nos lembrar aquelle pae d'eternas luminarias a quem perguntando uma filha o que vinha a ser obra posthuma, respondeu—que era a que um auctor escrevia depois de morto.

Está pois decifrada a esphynges. O anno é bissexto. E com isto muito boas festas e *au revoir*.

31 de dezembro de 1879

FRA-TELLO.

Todo o edificio virado ao nascente ficou reduzido a cinzas; e só escapou a grande casa da livraria, a capella, a casa de jantar e o lagar, pegado ao edificio do lado do sul.

Só a casa estava segura, mas em valor relativamente insignificante.

Durante a faina do incendio houve alguns ferimentos, infelizmente porém de gravidade. Entre os individuos feridos citaremos Antonio Carreira, de Balceira, e José Ferreira Camões.

O meu dever de chronista força-me a narrar um facto que enche de vergonha a minha terra. Refiro-me aos latrocínios infames praticados, segundo a voz publica, pelo destacamento de infantaria 14 e pela policia civil. Aquelles homens, aproveitando-se da confusão, lançavam mão de objectos de valor que encontravam, e para completarem as suas tropelias, para o amanhecer estavam na maior parte ebrios, não respeitando chefes, e desobedecendo ás suas ordens.

Urge, é necessario que taes crimes não fiquem impunes. Exige-o a sociedade que quer ver n'aquelles homens os mantenedores da ordem e não uma horda de selvagens a quem as desgraças alheias despertam os instinctos ferozes.

Perdoem-me a indignação, mas quem presenciase o incendio da bella casa da quinta das Lagrimas havia de se indignar como eu.

Quanto ao serviço de incendios, necessidade é impreterível reorganisa-lo convenientemente. E' o que espero aconteça para não desmentir o rifão popular: *Casa roubada, tranca á porta.*

S. M.

Lisboa 30 de Dezembro de 1879

(Do nosso correspondente)

Appeteço aos meus leitores as mais felizes festas, e mil prosperidades no anno que breve vae entrar.

— A bomba n.º 16 passou a ser aquartellada na rua do Salitre n.º 31 e 33. Esta bomba é a que estava na rua de S. José n.º 83 e justifica o excesso da reuda (45\$000 reis sobre a antiga) as circumstancias de ficar mais convenientemente collocada.

— Foram nomeados primeiros patrões da corporação dos bombeiros municipaes os seguintes: segundos patrões, n.º 38, Manuel Silverio, n.º 37, Ernesto José Esteves e n.º 34, Francisco José da Conceição. Para as vagas deixadas por estes bombeiros foram nomeados os aspirantes n.º 73, Alberto Magno Esteves, n.º 75 Pedro José Pinto e n.º 79, Manuel Fernandes.

— O pelouro dos incendios tem feito de despesa no segundo semestre de 1879, até 31 de Outubro, 12:296\$599 rs.. No mez de novembro dispendeu-se com ordenados, 343\$464 rs., com extincção de fogos, 542\$120 rs., com material e outras despesas 515\$415, rs. com renda das estações, 509\$600 rs. prelazendo a quantia de rs. 1:910\$599 o que juncto com a de rs. 12:296\$599 dispendida no segundo semestre até 31 de outubro, eleva a despesa em 30 de novembro a 14:206\$198 rs..

— No incendio na Rocha do Conde d'Obidos, que lhes noticia em outro lugar, o aspirante n.º 141 ao descer por uma das escadas do carro n.º 25, na altura de um segundo andar sentindo resvallar a escada atirou-se á rua deslocando o pé esquerdo. Por ordem do 2.º ajudante Lapa foi conduzido em um trem, e acompanhado dos aspirantes n.º 95 e 112 ao hospital

de S. José onde lhe fizeram os primeiros curativos e onde ficou em tratamento achando-se ja hoje completamente retabelecido com o que folgamos.

— Não me posso furtar ao desejo de publicar uma carta que o digno inspector dos incendios o sr. Carlos J. Barreiros, enviou ao *Diario de Noticias* com referencia ao mesmo incendio. Aquelle excellente diario estranhou a demora na comparencia dos soccorros e o sr. inspector sempre sollicito e zeloso pelo serviço que lhe está confiado apressou-se a esclarecel-o com a seguinte carta:

— *Meu caro Eduardo:* — Desculpa-me a importância. Na noticia do incendio que hontem houve juncto á rocha do Conde de Obidos, dizem que os soccorros chegaram tarde, (o que infelizmente, é verdade,) mas não se diz que a noticia do incendio é que chegou tarde á estação de soccorro mais proxima (Janelas Verdes) o que deve ser attribuido á pouca concorrencia que por alta noite ha n'aquella parte do aterro. Como eu conto, com o maior rigor, a promptidão dos soccorros a partir do minuto em que se recebe aviso de fogo, e este minuto foi marcado com toda a precisão, posso com a maior segurança afirmar que não houve a menor demora na sahida das estações respectivas. Por isso, sendo possivel que alguém supponha que a tardança proveio do serviço a meu cargo, é justo que tenha empenho em destruir tal supposição pedindo que se diga o que é verdade, isto é: que a noticia do incendio chegou muito tarde ao conhecimento das estações de soccorro, mas que estas marcharam no mesmo minuto em que a receberam. Desculpa-me e dispõe sempre do teu velho amigo. — *Carlos Barreiros.*

E' assim, é pugnando pela rasão e pela justiça que se ennobrecem e distinguem os funcionarios a quem doe e presa de serem censurados por faltas que não commettem, por responsabilidades que lhes não cabem. Na nossa terra, porém, poucos o comprehendem assim.

E até ao anno.

M.

Recomendamos o papel de alcatrão Noruego que por experiencia sabemos ser o melhor papel para cigarros até hoje conhecido. Vende-se em todas as tabacarias e o deposito geral está estabelecido na rua de S.º Antonio n.º 75 e 77 em casa do snr. Luiz Vicent de la Sancha, que prepara aos seus consumidores uma agradável surpresa, offerecendo-lhes um elegante brinde que expressamente mandou vir do estrangeiro.

Recomendamos aos nossos leitores o deposito de tabacos de todas as fabricas nacionaes e estrangeiras dos srs. Carneiro e Vianna, rua Formosa, 282, e 284 e rua de Santa Catharina n.º 193 e 95, onde encontrarão uma collecção muito variada de boquilhas, cachimbos, charuteiras, cigarreiras, caixas para lumes, etc., etc. especialidade em perfumarias e onde tambem se tomam encommendas de vinhos, cognacs, genébras, licores, cerveja ingleza, etc., etc.

Espectaculos

Sabbado 10 de Janeiro

PRINCIPE REAL — Beneficio do actor Domingos de Almeida — O drama, *Vivandeira do 16 de linha.*

Porto—Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66.